

MIRANDA, Cássia Ferreira. **Grupo Teatral Cultura Social: militância operária anarquista ao sul do Brasil**<sup>1</sup>. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Teatro - UDESC. Doutorado em Teatro; Orientadora: Vera Collaço. CAPES.

## RESUMO

Este trabalho trata do Grupo Teatral Cultura Social e sua trajetória de militância operária anarquista ao longo da década de 1910 na cidade de Pelotas, situada na região sul do estado do Rio Grande do Sul. Tendo suas atividades sediadas na Liga Operária de Pelotas, os trabalhadores que atuavam no Grupo utilizaram o teatro como forma de luta e conagração, realizando conferências e apresentações de textos teatrais de autoria de membros do Grupo. Entre os operários envolvidos com essa produção teatral, alguns eram mais engajados no movimento libertário e viajavam para outras cidades do Brasil a fim de auxiliar seus companheiros. Essas viagens possibilitavam uma troca cultural muito intensa, como pode ser comprovado pelas peças teatrais de autores operários que foram apresentadas na cidade de Pelotas e também no Rio de Janeiro. As informações a respeito da atuação operária podem ser encontradas nos periódicos do período que serviam como um importante meio de propagação das ideias anarquistas e dos eventos operários. Para esse artigo são utilizados como fontes os jornais *A Luta*, *O Rebate*, e *A Voz do Trabalhador*, que divulgavam as atividades do Grupo e dos operários envolvidos com ele, trazendo o nome peças encenadas, os gêneros e os operários envolvidos nas apresentações teatrais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teatro Operário; Anarquismo; Grupo Teatral Cultura Social.

## ABSTRACT

This work is about the Grupo Teatral Cultura Social and the trajectory of the anarchist worker's militancy over the 1910s in the city of Pelotas, located in the southern region of the state of Rio Grande do Sul. The workers of the Group had their activities based in the Liga Operária de Pelotas and they used the theater as a form of campaign and reconciliation, holding several conferences and presentations of theatrical texts written by members of the Group. Among the workers involved in this theatrical production, some were more engaged in the libertarian movement and traveled to other cities in Brazil to help his partners. These trips made possible a very intense cultural exchange, as can be evidenced by plays of authors workers that were presented in the city of Pelotas and Rio de Janeiro. Information regarding the worker's operations can be found in the journals of the period. They served as an important vehicle to spread anarchist ideas and worker's events. This article uses as sources the newspapers *A Luta*, *O Rebate*, e *A Voz do Trabalhador*, which divulged the activities of the Group and workers connected with it, bringing the name of plays, genders and workers involved in theatrical presentations.

**KEYWORDS:** Working Theater; Anarchism; Grupo Teatral Cultura Social.

A década de 1910 foi um período de intensa movimentação anarquista na Liga Operária da cidade de Pelotas-RS. Esta década foi muito promissora para as ideias libertárias não só no estado do Rio Grande do Sul, mas também em outros estados do Brasil. Fundada em 1889, essa associação surgiu com o nome de Congresso Operário e em 1890 mudou a sua denominação, passando a ser chamada de Liga Operária de Pelotas. Na tese de Beatriz Loner sobre a organização e mobilização operária em Pelotas, entre os anos de 1888 e 1937, pode ser observado que, na década de 1910, a ideologia libertária era muito atuante na cena teatral local:

Os anarquistas estavam presentes com o Grupo Dramático Lealdade, em 1915 e 1916 e o Arthur Azevedo em 1917 [...] além do próprio Grupo Teatral Cultural Social, órgão da Liga Operária. Mas vários outros grupos denotam a presença anarquista, como o Grêmio Dramático Amor à Arte, que estreou na Liga em 1918, o Culto à Arte, também de 1918, além do Harmonia e Progresso, de 1915 (LONER, 1999. p. 135).

O prédio da Liga tinha sua sede no centro de Pelotas, na Rua XV de Novembro, nº. 757, e abrigava amplos salões que possibilitavam a ocorrência de mais de uma reunião em paralelo. No decorrer de sua trajetória ocorreram diversas cisões internas na associação advindas de diferenças ideológicas. Em meados da década de 1910, a diretoria da Liga era composta em maioria por anarquistas, e seu prédio foi intensamente utilizado para organização e propagação ácrata através da criação e atuação de sindicatos de resistência e entidades anarquistas, dentre as quais se destacam: Federação Operária (1913), Centro de Estudos Sociais (1914), Grupo Teatral Cultura Social (1914), Grupo Musical 18 de Março (1914), Grupo Iconoclasta de Pensadores Livres (1914), Ateneu Sindicalista Pelotense (1914), Escola Primária (1914), com aulas noturnas gratuitas para crianças e adultos; Sindicato dos Inquilinos (1915), Centro Feminino de Estudos Sociais (1915), Núcleo Popular Pró-Paz (1915), Grupo Juventude Anti-militarista (1915), Banda Musical 11 de Novembro (1916), Escola Racionalista ou Moderna (1918), Núcleo Comunista de Pelotas (1919).

#### Grupo Teatral Cultura Social

O Grupo Teatral Cultura Social exerceu intensa militância anarquista através de suas diversas apresentações teatrais. Sua inauguração foi em um domingo, dia 06 de setembro de 1914, segundo noticiou o jornal *O Rebate*, no dia 10 de setembro de 1914. No mesmo momento foi inaugurado o Teatro 1º de Maio, que era o espaço destinado a apresentações na Liga Operária de Pelotas. O jornal *A Voz do Trabalhador*, do dia 01 de outubro de 1914, narra com entusiasmo a inauguração do Teatro 1º de Maio, que ocorreu no dia 06 de setembro de 1914. Segundo esse jornal, os festejos começaram com o hino *Filhos do Povo*, cantado em coro, seguido de conferência de Zenon de Almeida com temática da atualidade. A seguir, apresentaram o esboço dramático de *Famintos*, escrito por Santos Barbosa e encenado por ele, Lourival Pereira, Antonio Luiz da Silva e Laila Anderson. Durante o intermédio, poesias sociais foram apresentadas e houve uma encenação, feita por José Monteiro, de uma cena social de Santos Barbosa que tratava de um soldado cansado de seu ofício e ansioso pela paz. Durante essa cena, rompeu-se um coro interno com a *Marselhesa de Fogo*. Após, teve a apresentação da comédia *Amores em*

*Cristo*, de Zenon de Almeida, encenada por Antonio Luiz da Silva, Lourival Pereira, Zenon de Almeida, Santos Barbosa, Oscar Araújo, Antonio Ignácio Martins e Laila Anderson. A noite foi finalizada com a participação da Orquestra 18 de Março. A matéria termina informando que “a numerosa assistência não regateou aplausos a todos aqueles que tomaram parte na educativa velada de propaganda. Abrihantou o espetáculo a bem cuidada orquestra do Grupo Musical Dezoito de Março”. O Grupo Musical 18 de Março funcionava em anexo ao Grupo Teatral, cujo nome era uma homenagem à Comuna de Paris. O *Rebate*, no dia 16 de janeiro de 1915, informa o crescimento da orquestra com “novos, estudiosos e ativos elementos”.

O Teatro 1º de Maio foi inaugurado pelo Grupo Teatral Cultura Social que tinha planejado esse evento com, pelo menos, três meses de antecedência. De acordo com notícia publicada no jornal pelotense *Correio Mercantil*, dia 17 de junho de 1914, a Liga Operária autorizou o Grupo Teatral Cultura Social a colocar um palco no salão principal de seu edifício. Ainda segundo esse periódico, havia a intenção, de um grupo de operários, de nomear o futuro teatro proletário de Teatro 1º de Maio.

Foi possível observar, através de notícias publicadas em *O Rebate*, que o Grupo Teatral realizava cursos de representação oferecidos para aqueles operários que desejassem participar das encenações e organizava leituras das peças a serem encenadas, por vezes noticiadas nos jornais locais. No dia 16 de janeiro de 1915, há o anúncio da leitura da peça de “repertório social teatro popular”, adaptação de Santos Barbosa, de gênero *grand guignol*, *A Lei*. No dia 17 de julho de 1915, Carlos Simões Dias efetuou perante seus camaradas a leitura do drama *Germinal!* e da comédia *Noivo por Anuncio*, os quais foram bem recebidos pelo público.

Diversas foram as vezes em que apareceram notícias nos periódicos do período – *O Rebate*, *A Luta* e *A Voz do Trabalhador* - acerca dos eventos dos quais o Grupo participava, que ocorriam em grande maioria aos sábados e domingos às 20h30 ou às 21h, tendo acontecido em menor número nas quartas-feiras e sextas-feiras. Era frequente a ocorrência de bailes nos eventos que incluíam o Grupo Teatral Cultura Social. Conforme publicado no jornal *A Luta*, na edição do dia 31 de julho de 1916, ocorreria no dia 05 de agosto, às 20 horas, no Teatro da Liga, uma récita “útil e agradável”, com horas de “riso e proveito”. Na programação: variedades, a peça em um ato *O Rapto*, a comédia *Que Três...!* e o baile familiar. O jornal *O Rebate* também divulgou um evento no mesmo mês, no dia 16 de agosto de 1916, no qual ocorreria um baile familiar.

Estas apresentações ocorriam, via de regra, no Teatro 1º de Maio. No entanto, embora o Grupo Teatral tivesse disponível um espaço para suas apresentações, ocorriam, por vezes, festivais em outros locais. É possível que este fato tenha se dado no intuito de abarcar uma quantidade maior de operários, ampliando assim o espaço de alcance dos ideais libertários e o engajamento entre trabalhadores de diversas localidades. Conforme divulgado no jornal *O Rebate*, em 21 de agosto de 1915, seria realizado no Cinema Royal, no dia seguinte, às 20 horas, no distrito pelotense Capão do Leão -

atualmente cidade vizinha de Pelotas -, um espetáculo do Grupo Teatral Cultura Social e do Grupo Musical 18 de Março. O jornal informa que acompanhando os excursionistas seguiriam muitas famílias. Outro exemplo de apresentações fora da sede ocorreu no dia 05 de dezembro de 1915. Conforme noticiado em *O Rebate* no dia anterior, houve um espetáculo no Cinema Arealense, no bairro pelotense Areal. Foi informado que o programa é atraente e que havia muito interesse naquele sarau.

Com relação ao valor cobrado dos espectadores para os festivais, de acordo com anúncio do dia 11 de março de 1916, no *A Luta* – jornal editado pelo Grupo Iconoclasta de Pensadores Livres -, as entradas para o próximo evento estavam à venda no Teatro 1º de Maio por 500 réis. Dia 11 de junho de 1916 o Teatro da Liga teve, de acordo com *A Luta*, um espetáculo cujo valor da entrada era, novamente, 500 réis. Nas fontes pesquisadas não foi encontrada qualquer referência a outro valor que não seja este.

Uma outra tendência que foi observada com certa frequência era a realização das seratas com a contribuição voluntária da plateia. Com a receita adquirida nestes eventos, o Grupo Teatral Cultura Social realizava diversas doações. Esse tipo de atividade fomentava periódicos e associações, além de auxiliar operários que estivessem em condições desfavoráveis. Essa não era uma característica apenas deste Grupo. De acordo com Vargas, o teatro operário em São Paulo também demonstrava essa característica:

Com frequência maior destina-se a renda aos periódicos libertários. Mas há também “benefícios” em nome de companheiros doentes, presos ou exilados. [...] duas escolas são construídas em São Paulo para filhos de operários (Escolas Modernas - ensino racionalista) com fundos levantados entre o operariado, recolhidos pouco a pouco entre festas e donativos voluntários (VARGAS, 1980, p. 33).

O Grupo Teatral Cultura Social realizou diversas apresentações, geralmente utilizando textos de autores locais ou que atuavam em nível local. Durante seu período mais efervescente, foram noticiados pelo menos quarenta (40) textos teatrais trabalhados, cuja maioria foi escrita por autores brasileiros diretamente vinculados à militância na cidade de Pelotas. Dentre esses, salientam-se Carlos Simões Dias, Santos Barbosa e Zenon de Almeida. Destacáveis militantes operários, os três atuaram na Liga Operária de Pelotas, auxiliando na formação do Grupo Teatral Cultura Social e do Grupo Musical 18 de Março, organizando cursos e conferências, e representando essa associação em eventos fora da cidade.

Com relação a esses eventos, significativas foram as trocas entre os operários que atuavam em Pelotas e os de outras localidades. Foi confirmada a afinidade entre o pelotense Grupo Teatral Cultura Social (1914) e o carioca Grupo Dramático Cultura Social (1913). Estes grupos mantinham contato e tinham uma programação teatral muito próxima, encenando textos em comum, além de compartilharem alguns de seus membros fundadores, entre eles, Santos Barbosa.

A década de 1910 contou com a criação de diversos grupos teatrais anarquistas disseminados pelo país demonstrando um movimento intenso e

engajado. Auxiliando na construção dessas identidades, o teatro surgiu no cotidiano do operário como uma possibilidade de reflexão a partir do vislumbre daqueles que assistiam às encenações e se sentiam representados nas personagens operárias em cena. O “se ver” provocava inquietação, indignação, e, assim, ia se formando o sentido de pertencimento ao grupo, à classe operária, e se fortalecendo a necessidade de luta por uma transformação social.

#### Referências:

A LUTA. Pelotas, 1916. Acervo do Arquivo Edgard Leuenroth – UNICAMP e do Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro – UFRJ.

A VOZ DO TRABALHADOR. Rio de Janeiro, 1914 a 1915. Acervo do Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro – UFRJ.

CORREIO MERCANTIL. Pelotas, 1914. Acervo da Bibliotheca Pública de Pelotas.

LONER, Beatriz Ana. Classe Operária: **Mobilização e Organização Operária em Pelotas**: 1888-1937. UFRGS. Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1999. Tese de doutorado.

MIRANDA, Cássia Ferreira. **O teatro na voz operária**: Grupo Teatral Cultura Social e o anarquismo em Pelotas - seus operários e suas palavras. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Mestrado em Teatro, Florianópolis, 2014. Disponível em: <[http://www.ceart.udesc.br/ppgt/dissertacoes/2014/dissertacao\\_cassia\\_miranda.pdf](http://www.ceart.udesc.br/ppgt/dissertacoes/2014/dissertacao_cassia_miranda.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2014.

O REBATE. Pelotas, 1914 a 1920. Acervo da Bibliotheca Pública de Pelotas.

VARGAS, Maria Thereza (coord.). **O teatro operário na cidade de São Paulo**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1980.

<sup>i</sup> Este trabalho integra minha pesquisa de mestrado intitulada *O teatro na voz operária: Grupo Teatral Cultura Social e o anarquismo em Pelotas - seus operários e suas palavras* (2014).